



VI CONGRESO LATINOAMERICANO DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023

Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para
pensar el sentido de la educación y de la filosofía

O fazer educativo em Gramsci: a práxis como perspectiva para a educação no século

XXI

Maria das Graças de Almeida Baptista

Universidade Federal da Paraíba

mgabaptista2@yahoo.com.br

Tânia Rodrigues Palhano

Universidade Federal da Paraíba

taniarpalhano@gmail.com

Palavras-chave: Educação, práxis, contradição.

Resumo

Introducción

O objetivo do presente trabalho consiste em apontar a práxis, em Gramsci, como condição pedagógica necessária ao enfrentamento e à superação das contradições no fazer educativo. O trabalho tem como pressupostos que o autor sem abandonar o materialismo em Marx, a determinação econômica e a luta de classes, aprofunda-os na análise acerca da relação infra e superestrutura, desenvolvendo uma filosofia da práxis em toda a sua plenitude.

A educação na concepção gramsciana, como parte da superestrutura, deve estar voltada para a transformação da concepção do mundo dos sujeitos, mas somente através de uma filosofia capaz de abalar as “fortificações” da sociedade capitalista, de transformar as mentalidades e de permitir a elevação cultural, ou seja, a filosofia da práxis!

A diferença do materialismo em relação às outras filosofias assenta-se na dialética marxiana cuja base está na contradição. Compreender o real significa compreendê-lo através do movimento contraditório dos fenômenos, inclusive da consciência, dando-lhes um caráter provisório e superável. A realidade é sempre uma tensão entre a realidade (uma possibilidade



realizada) e a possibilidade (realidade potencial), e é esse movimento que torna possível o novo. A mudança é inerente à contradição.

Na determinação da realidade sobre a consciência. Gramsci acentua a relação dialética entre a estrutura econômica e a superestrutura, afirmando, como Marx, que é a realidade social (em sua infraestrutura produtiva) que cria as ideologias e não as ideologias (a superestrutura) que criam a realidade social.

A ideologia, para o autor, é todo o conjunto complexo das superestruturas (das ideologias), “contraditório e discordante”, uma vez que reflete as relações sociais de produção, também contraditório. É no terreno da superestrutura que “os homens tomam consciência da sua posição social”. A própria filosofia da práxis é superestrutura (GRAMSCI, 1995, p. 262; 270; 52).

Nesse sentido, Gramsci se pergunta: Como a classe subalterna pode vir a se tornar hegemônica, em uma sociedade de classes? E responde: o desenvolvimento de uma classe depende, tanto de uma formação “no terreno econômico [quanto] nos terrenos ideológico, jurídico, religioso, intelectual e filosófico”, mantendo uma hegemonia (GRAMSCI, 1989, p. 49).

Gramsci, enquanto pensador marxista do final do século XIX e início do século XX, apresenta elementos conceituais que possibilitam elucidar elementos constitutivos da realidade educacional para o século XXI. O autor afirma a capacidade humana de alterar o seu ambiente e compreende a educação, de forma ampla, enquanto práxis e como instrumento de construção de sujeitos críticos em vários aparelhos de hegemonia, entre eles, a escola.

Nesse sentido, compreender a concepção do mundo dos sujeitos, no conjunto das relações sociais, entre elas a educação, possibilita compreender o movimento do real, suas contradições, e abrir espaço para a superação dessas contradições e do próprio real.

O presente texto baseia-se em pesquisa desenvolvida junto a professores da escola pública acerca do seu papel no processo educativo, ou seja, da sua função social, tendo como caminho teórico o materialismo histórico e como método de análise a dialética materialista.

Educação em Gramsci



VI CONGRESO LATINOAMERICANO DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023

Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para pensar el sentido de la educación y de la filosofía

Gramsci destaca o papel que a educação desempenha no nível de uma direção política que permita a elevação cultural de um grupo ou de uma classe; o papel que desempenham as organizações culturais e políticas, “aparelhos de hegemonia” na construção de uma concepção do mundo.

A ideologia é o conceito central de uma luta cultural, de uma hegemonia política, no seio da sociedade capitalista. A ideologia faz com que os sujeitos pertençam a um grupo que compartilham um modo de pensar e de agir. A ideologia é “uma concepção do mundo, que se manifesta implicitamente na arte, no direito, na atividade econômica em todas as manifestações de vida individuais e coletivas” (GRAMSCI, 1995, p. 16).

O conceito de ideologia, em Gramsci, tem como categoria fundamental a categoria concepção do mundo, a qual faz com que os sujeitos pertençam a um determinado grupo, cujo modo de pensar e de agir pode ser compartilhado. Para o autor, existem diversas concepções de mundo, distinguindo quatro níveis de concepção, em ordem decrescente de rigor e articulação intelectual: “filosofia”, “religião”, “senso comum” e “folclore”. (GRAMSCI, 1995, p. 14)

O senso comum é, segundo Gramsci (1985), o tipo de concepção do mundo “imposta” mecanicamente pelo ambiente exterior, sem disso ter-se uma consciência crítica, absorvida pelos vários ambientes sociais e culturais, nos quais se desenvolve a individualidade moral do homem médio. O “bom senso” é outro tipo de concepção do mundo que superou o senso comum, elaborada de forma crítica e consciente, ainda que dentro de limites objetivos restritos. A formação do bom senso está ligada ao trabalho, à vida e à ciência. Daí o papel fundamental que a educação desempenha nessa formação.

Para o autor, a concepção de trabalho se apresenta na relação ação consciente e práxis, e a educação é a transformação da possibilidade socialista em realidade através da práxis. A elevação política de um grupo social, segundo Gramsci (1995, p. 14; 36), implica definir sua própria filosofia e combater o senso comum, visando à formação de uma nova concepção do mundo, mais unitária e autônoma, em todos os aspectos da existência. Trata-se de um trabalho filosófico concebido como luta cultural.

Portanto, todo movimento cultural que pretenda substituir o senso comum e as velhas concepções do mundo e construir uma nova “ordem intelectual”, segundo Gramsci (Ibid., p. 27), deve trabalhar vastas camadas populares na luta por uma filosofia de massa que faça de



cada homem um intelectual e na criação de “elites de intelectuais de novo tipo, que surjam diretamente da massa e que permaneçam em contato com ela para tornarem-se os seus sustentáculos”.

A filosofia da práxis, para o autor, tem papel fundamental nesse processo, pois exige clareza sobre os problemas filosóficos, jurídicos, religiosos e morais; e implica, “polêmica com as filosofias tradicionais”. A consciência política, forjada na compreensão acerca das contradições econômicas, políticas e sociais, é a “primeira fase de uma ulterior e progressiva autoconsciência, na qual teoria e prática finalmente se unificam” (GRAMSCI, 1989, p. 49).

Destaca-se que o homem comum não vive em um mundo a-teórico. Entretanto, sua consciência e, conseqüentemente os seus atos (individuais), refletem a forma como sua consciência tem sido formada, através de ideias, valores e juízos, que determinam uma concepção de mundo apolítica e que o afasta de uma práxis revolucionária, ou seja, “o homem ativo de massa atua praticamente, mas não tem uma clara consciência teórica” (GRAMSCI, 1995, p. 20).

Gramsci (1989, p. 121; 136) atribui à sociedade, a separação entre vida produtiva e vida política, as razões da aparente crise escolar e reivindica, para o mundo moderno, uma “escola unitária” (ativa; criadora), entendida como capacidade de pensar e estudar e de “dirigir ou de controlar a quem dirige”. Com a divisão do trabalho e o surgimento das classes sociais, a cultura deixa de ser um bem consumido e produzido por todos para tornar-se privilégio de alguns, deixa de ser um bem coletivo.

Gramsci compreende o professor, não como elemento individual, mas como “conjunto dos elementos do estado [sic] destinados a educar as jovens gerações”. (MANACORDA 1990, p. 97). O encontro entre escola e vida, “somente pode ser representado pelo trabalho vivo do professor, na medida em que o mestre é consciente [tanto] dos contrastes entre o tipo de sociedade e de cultura que ele representa e o tipo de sociedade e de cultura representado pelos alunos [quanto] de sua tarefa, que consiste em acelerar e em disciplinar a formação da criança conforme o tipo superior em luta com o tipo inferior (GRAMSCI, 1989, p. 131).

A partir do exposto e considerando o caráter contraditório e provisório da prática social, destaca-se algumas contradições na e da concepção do professor acerca do seu papel na prática pedagógica que necessitam ser repensadas, de forma a favorecer uma compreensão dessa prática e a possibilidade de sua superação na construção da práxis.



As contradições constitutivas do fazer pedagógico

O contado com a contradição possibilita compreender o caráter provisório e superável do real e possibilita que as formações materiais, entre elas, a concepção do professor, passem de um estágio do desenvolvimento a outro. Entre algumas contradições do fazer educativo pontadas pelos professores da pesquisa estão: o político e o professor; a prática e a teoria; a escola e a universidade; a aprendizagem e o desenvolvimento; que se encontram dialeticamente relacionadas.

Vale salientar que, por um lado, há uma unidade entre eles, nesse caso, da concepção e da prática do professor, a unidade do político com o professor forma uma única essência – educador; da prática com a teoria – práxis; da escola com a universidade – espaço educativo; da aprendizagem com o desenvolvimento – processo educativo, entre outras.

Por outro lado, há uma identidade que é sempre temporária e relativa. Nesse sentido, uma vez compreendida a origem das contradições na e da concepção e na e da prática do professor, enfrentadas e superadas, chega-se a um novo estado qualitativo que inclui um novo grupo de contradições, em um eterno devenir.

A contradição, unidade e luta entre os contrários, é que faz com que as formações materiais, entre elas, a concepção do professor, passem de um estágio do desenvolvimento a outro. Essas contradições precisam ser necessariamente revisitadas e a sua superação proposta. Entretanto, para o marxismo, esse processo somente pode ocorrer através de uma filosofia capaz de abalar as “fortificações” da sociedade capitalista, a filosofia da práxis.

O político e o professor. A aproximação do professor com a sua prática, a sua imersão na vida cotidiana, impede-o de compreender a relevância ou a importância política do seu papel na sociedade, ou seja, o de manutenção ou transformação do *status quo* e de seu papel na constituição do gênero humano, ou seja, no processo de inserção definitiva da criança no gênero humano, enquanto ser social (MARX, 1978, p. 10).

O homem é, antes de tudo, um ser político, no sentido de que as suas escolhas e o seu comportamento traduzem uma concepção do mundo construída nas relações estabelecidas ao longo de sua vida.



VI CONGRESO LATINOAMERICANO DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023

Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para pensar el sentido de la educación y de la filosofía

O ser professor surge, portanto, do ser social, do ser político, e não ao contrário. Entretanto, a prática e a concepção desse ser professor irão redefinir a prática e a concepção, enfim, os caminhos do ser social.

A prática e a teoria. O processo de humanização encontra-se vinculado a essa relação. Através da prática social o homem produz cultura e a si mesmo, objetivando-se. Entretanto, historicamente, essa relação tem sido tratada ora distanciando a teoria da prática, o pensar do agir, ora subordinando a prática à teoria.

A objetivação do professor implica em uma reflexão crítica acerca do papel que desenvolve no processo educativo, o que, conseqüentemente, implica no enfrentamento da reificação da teoria e da prática e na unificação teoria e prática. Ou seja, na “elaboração superior da própria concepção do real [...] autoconsciência” (GRAMSCI, 1995, p. 21).

A Universidade pode e deve ser um dos espaços dessa elaboração e desse enfrentamento. Entretanto, considerando as contradições que a permeiam, tem favorecido um reducionismo e um revisionismo, enfim um esvaziamento da própria teoria.

A escola e a Universidade. A relação escola e Universidade tem se pautado pela intervenção da Universidade, enquanto detentora de saberes, na escola. Entretanto, a escola, em especial, as públicas são campos privilegiados para se trabalhar as contradições, visando à superação da situação de classe da qual são um reflexo.

O contato permanente com a escola, e as contradições que a permeiam, possibilita que a Universidade venha a ser espaço de reflexão teórica e de propostas que, nascidas da prática, a tornem instrumento de emancipação humana e social.

A reflexão sobre as escolas reais deve ser buscada nos espaços em que a Universidade se mantém ligada à vida, a prática: os estágios ao longo do curso, a extensão, a pesquisa e o ensino que eles suscitam, de forma que, como diria Freire (2004, p. 32), “a teoria emer[j]a molhada da prática vivida”.

A aprendizagem e o desenvolvimento. O discurso corrente e pretensamente neutro sobre a importância da educação no desenvolvimento dos indivíduos traz implicitamente a concepção idealista de que são as ideias que criam a realidade social, e não a realidade social que cria a consciência.

Mesmo que o professor, principalmente da escola pública, compreenda, a partir da prática pedagógica, que a aprendizagem significa a diferença no desenvolvimento da camada



VI CONGRESO LATINOAMERICANO DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023

Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para pensar el sentido de la educación y de la filosofía

social atendida pela escola pública, faltam-lhe elementos teórico-práticos que o habilite nessa apreensão.

A relação professor-aluno torna-se mediadora do processo educativo, do processo de apropriação da cultura historicamente elaborada. A função do professor é a de organizador, no sentido gramsciano de intelectual (GRAMSCI, 1989, p. 8).

O papel professor é colocar-se como sujeito social em relação com outro sujeito social, para que a personalidade possa ser desenvolvida, favorecendo que o desenvolvimento vá além de suas possibilidades imediatas, compreendendo que os limites dessa ação têm sua origem nos condicionantes sociais que se objetiva no nível de consciência do professor acerca da cultura que ambos representam.

Nesse sentido, ao apresentar a expressão aprendizagem e desenvolvimento não se está negando a importância do desenvolvimento no processo de aprendizado, mas enfatizando a determinação da realidade social na consciência, determinação essa na qual o professor, enquanto elemento do Estado, tem o seu papel.

As contradições levantadas aqui sinalizam que a sociedade e a concepção do mundo dos professores não são estáticas, ou seja, que a sociedade e a essência humana são processos históricos e inconclusos. Portanto, a superação das contradições na concepção e na prática do professor, mesmo que provisória, deve ter, necessariamente, como ponto de partida não somente a sua prática, mas uma luta cultural, uma tomada de consciência.

Essa consciência, aliada à prática pedagógica e ao conhecimento sobre as possibilidades pedagógicas, pode viabilizar ao professor, no sentido do intelectual gramsciano, criar condições objetivas e necessárias à compreensão acerca da relação educação e sociedade e, conseqüentemente, do papel do professor no processo de aprendizado. Enfim, da sua função social.

A práxis como superação das contradições constitutivas do fazer educativo

A práxis, na perspectiva gramsciana, é trabalho efetivo, ação positiva do homem, assim como é consciência positiva, humana. A práxis é o momento da emancipação humana e social, momento efetivo e necessário para a formação, através da prática social, de uma nova concepção do mundo mais unitária e autônoma em todos os aspectos de sua existência.



VI CONGRESO LATINOAMERICANO DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023

**Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para
pensar el sentido de la educación y de la filosofía**

Assim, para o marxismo, a educação é fator determinante no processo de humanização, uma vez que a educação pode e deve ser uma “luta cultural”, voltada para a formação de uma concepção do mundo mais integral, mais filosófica, através de uma filosofia, a filosofia da práxis, capaz de abalar as “fortificações” das sociedades capitalistas. A formação dessa concepção está ligada ao trabalho, à vida e à ciência.

Nesse sentido, Gramsci atribui importância à educação e à formação da consciência, estabelecendo a importância da relação teoria e prática na educação. Na concepção gramsciana, a educação é trabalho efetivo, ação positiva do homem, assim como é consciência positiva, humana, ou seja, práxis; e deve estar orientada para o desvelamento das contradições nas relações sociais de produção capitalistas: a divisão do trabalho em manual e intelectual e, conseqüentemente, a divisão da educação em prática-manual e teórico-intelectual. Essa educação não advém de ações espontaneístas, mas requer a unificação da teoria com a prática.

A práxis é, portanto, a condição pedagógica necessária para que a contradição do real, que se reflete da e na prática e da e na concepção do professor possa ser trabalhada, ainda que dentro de certos limites. Compreendendo, por um lado, a relação educação e sociedade e, nessa relação, o papel do professor de possibilitar ao aluno ascender ao gênero humano e, por outro lado, a sua função na emancipação humana e social. Enfim, uma luta cultural e uma tomada de consciência; que só se realizarão através da filosofia da práxis.

Como afirma Gramsci (1995, p. 18), não se trata “de introduzir ex novo uma ciência na vida individual de ‘todos’, mas de inovar e de tornar ‘crítica’ uma atividade já existente”, uma vez que o homem não vive em um mundo a-teórico.

A Universidade, enquanto espaço de contradição, pode possibilitar novos olhares, novos sentimentos, novos pensares, novas necessidades e novas ações, uma nova práxis, que aliada ao engajamento do professor em associações de classe, cursos e reuniões pedagógicas, assim como ao conhecimento da matéria e à forma de ensiná-la, une o político ao educacional no enfrentamento das questões que permeiam a educação.



VI CONGRESO LATINOAMERICANO DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023

**Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para
pensar el sentido de la educación y de la filosofía**

Referências

FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. 16. ed. São Paulo: Ed. Olho d'Água, 2004.

GRAMSCI, A. *Concepção dialética da História*. 10. ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1995.

GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1989. (Perspectivas do homem. Série Filosofia, v. 48).

MANACORDA, M. A. *O princípio educativo em Gramsci*. Tradução de William Lagos. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1990.

MARX, K. Manuscritos econômicos-filosóficos. In: MARX, K. *Marx*. 2. ed. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores)